



### III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para  
o Ensino de Geografia  
Campina Grande – novembro/2016

#### **GEOGRAFIA ESCOLAR: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E METODOLÓGICA**

**Chistiane Jéssika Vidal dos Santos**

*Universidade Federal de Campina Grande  
jessikaladiv@hotmail.com*

**Maria do Socorro Guedes**

*Universidade Federal de Campina Grande  
socorroguedes4@gmail.com*

**Yury Araújo de Lima**

*Universidade Federal de Campina Grande  
yury.limao@gmail.com*

#### **RESUMO**

A Geografia em seu percurso histórico tem sido marcada por acontecimentos no que diz respeito as práticas conduzidas nas escolas. Neste trabalho apresentamos um resgate histórico sobre esta disciplina, desde o seu surgimento no Brasil até os dias atuais. Com o intuito de discutir as metodologias que eram utilizadas em períodos distintos, e que inclusive são discutidas nas áreas pedagógicas de construção da disciplina no tempo presente, o artigo está dividido em dois pontos principais, o primeiro intitulado: “A Geografia escolar e suas interfaces no decorrer da história”, e o segundo intitulado de: “A Geografia escolar atual, um grito por renovação ou superação? Baseados numa pesquisa qualitativa, temos o aporte em artigos científicos além de trabalhos executados no campo desta temática para fundamentar o nosso trabalho.

**Palavras-chave:** Geografia escolar. Sala de aula. Práticas de ensino.

#### **INTRODUÇÃO**

Temos conhecimento que as várias disciplinas que hoje estruturam e dão forma a escola, passaram e passam ainda por constantes modificações em suas formas de se organizar dentro do mundo educacional. Marcadas por momentos de inovação, renovação, novas ideias, novas propostas, velhas maneiras e permanências, as disciplinas contribuem na formação de conhecimento na vida de um aluno, antes disso, um ser social que necessita de atenção e de conhecimento para posicionar-se no mundo em que vive.

Desde o tempo em que a escola surgiu, ainda que tenha passado por modificações em sua estrutura física e conceitual, que as disciplinas se desenvolveram, se construíram, e continuam a se reinventar de acordo com as constantes alterações que ocorrem no meio social, político e econômico

Partindo disso, ao tratarmos desse contexto neste trabalho, iremos nos ater a disciplina de Geografia dentro da escola, ou seja, um aprofundamento em conhecer a Geografia escolar tanto na contemporaneidade, como através da averiguação dos registros existentes na maneira em que esta disciplina era ensinada e abordada dentro das salas de aula no Brasil. Com a proposta de verificar através dos registros documentais da Geografia escolar antigamente, iremos retomar, sobre como essa disciplina era trabalhada na escola antiga, tanto em sua história evolutiva, como também as suas metodologias que são marcadas por cada momento da história, em que com o nascimento de novas ideias, ou a exclusão destas, deram forma as metodologias aproveitadas para se construir o conhecimento no universo escolar na vida dos alunos.

Estreando suas explorações em sala de aula, a partir do século XIX, momento que também marca o nascimento da Geografia como ciência (podemos observar essa quebra de hierarquização do conhecimento), o ensino da Geografia estava quase que centrado no seu inicial propósito, o de efetuar descrição do meio físico terrestre, levando as pesquisas quantitativas para as salas de aula, e reproduzindo-as sem nenhuma análise crítica desta. A partir disso, abordamos um breve resumo acerca do que ocorria nas salas de aula quanto ao ensino da Geografia nos séculos XIX e XX e que ainda permanece no século presente, com o aporte nas contribuições de diversos autores que se inquietaram em abordar essa temática, como Albuquerque (2011), Rocha (1996) e Gonçalves (2010).

Com metodologia baseada na análise bibliográfica, desenvolvemos este trabalho por meio de pesquisas e leituras de artigos acadêmicos que tratam da temática em questão. O mesmo se encontra estruturado com o primeiro ponto intitulado de: “A Geografia escolar e suas interfaces ao decorrer da história”, falando sobre como a disciplina era tratada dentro das salas de aula desde seus primórdios, além do segundo ponto intitulado de: “A Geografia escolar atual, um grito por superação ou renovação?”, em que através das nossas vivências no estágio curricular e na universidade traremos

um pouco do que temos convivido ultimamente com essa disciplina, terminando com considerações finais e referências bibliográficas.

## **A GEOGRAFIA ESCOLAR E SUAS INTERFACES AO TRANSCORRER DA HISTÓRIA**

Sabemos que a Geografia escolar, não surge como reprodução da ciência mãe – surgida no século XIX – pois:

[...] a história das disciplinas escolares não é equivalente à história das ciências de referência, dado que aquelas são construções próprias encarregadas de veicular uma cultura particular, e que está constituída por um conjunto de conhecimentos, competências, atitudes e valores que a escola se encarrega de transmitir explícita ou implicitamente aos estudantes como bagagem cultural e patrimônio comum de todos os cidadãos (CHERVEL 1990 *apud* GONÇALVES, 2011, s/p).

Podemos observar que, assim como outras disciplinas, a Geografia se deu dessa forma, mais voltada a constituir e sistematizar conhecimentos que seriam importantes para que os alunos pudessem conhecer um mundo em que viviam. No entanto, esses conhecimentos no decorrer dos tempos, têm sido influenciados pelos períodos em que a escola atravessava o território em que estava estabelecida, ou até com as idealizações que alicerçavam e ofereciam base a ciência construída naquele momento da história.

Essencialmente, a Geografia escolar era tratada de uma forma em que esta estava apenas incumbida de trazer os conhecimentos do que eram produzidos em outras partes do planeta – principalmente da Europa - , fazendo com que os alunos brasileiros fossem “desligados” de sua existência diária onde residiam, além de que estavam aparte do cenário político e social de onde habitavam. Predominava uma Geografia meramente descritiva, evidente, em conjunto com o que alicerçou a abertura da sua construção científica, temos o exemplo do significado e a etimologia da sua palavra: Geo =Terra + Graphia = Descrição, ou seja, a descrição da Terra. A primeira escola brasileira a agregar o ensino dessa matéria foi o Colégio D. Pedro II situado no Rio de Janeiro, em que tentou se assimilar com os liceus franceses.

[...] quando o modelo francês de organização e funcionamento do ensino passa a ser adotado, o ensino de Geografia permanece praticamente inalterado em suas características de “nítida orientação clássica, ou seja, a Geografia descritiva, mnemônica, enciclopédica” (CAVALCANTI *apud* ROCHA, 1996, p. 133).

Do ponto de vista histórico, a Geografia escolar encontrou-se em ocasiões de rupturas que inseriram novas propostas além de novas metodologias no artifício de ensino-aprendizagem conduzidas pelos teores que davam forma a essa disciplina, a exemplo, são as considerações efetuadas por Delgado de Carvalho, estimado o percussor da Geografia moderna.

Conhecedores de livros didáticos, além de apresentar novas propostas ao ensino de Geografia, Delgado de Carvalho faz indagações sobre a forma em que essa Geografia era gerida dentro dos ambientes onde são ministradas aulas, sempre apontando para o seu estilo mnemônico e descritivo. É nesse período do século XX que a Geografia escolar começa a dialogar com os debates ocorridos dentro das academias (momento da fundamentação da Geografia enquanto ciência), fazendo com que novos conteúdos fossem incorporados a sua base curricular.

Um dos marcos nesse período fora o declínio dessa Geografia moderna, com a chegada da ditadura militar em nosso país, em que como afirma Albuquerque (2011, p.24):

Esta Geografia escolar moderna vai perdurar até os anos de 1970, quando se institui no país os estudos sociais e se verifica o surgimento de uma Geografia escolar muito conservadora, atrelada à perspectiva pedagógica tecnicista. É quando entra em declínio a circulação de livros mais conservadores como os de Aroldo de Azevedo, Mario da Veiga Cabral, e também outros que já traziam uma perspectiva mais crítica como os de Manuel Correia de Andrade e Ilton Sete. Neste período outros livros didáticos passam a ser elaborados, agora destinados, especificamente, à disciplina então instituída pelo Governo Militar.

Mais voltada ao tecnicismo, essa Geografia escolar – juntamente com a História e a Sociologia - agora é suprida por Estudos Sociais, tenta abordar para os educandos uma exaltação a pátria, além de fomentar nesses alunos o civismo oficial e propagar o regime em vigor.

Na contemporaneidade, após a consumação do regime, além de uma nova redemocratização do ensino, o que tem definido os currículos da Geografia escolar foram as diversas contribuições da academia científica, com o surgimento da Geografia crítica, que, diga-se de passagem, ainda gera discussões sérias acerca da introdução imediata dentro da escola (STRAFORINI, 2008), além da redefinição do Estado - este muito mais atrelado a nova dinâmica global de circulação do capital - tendo como principal exemplo, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais no anos de 1990 em concordância com o que foi estipulado pela ONU, UNESCO e o Banco Mundial.

É signficante a breve explanação acerca desses momentos da Geografia escolar, tendo em vista que eles foram os principais alicerces em que os professores se detinham para explanar suas aulas. É evidente que toda essa maneira de se conduzir o ensino da Geografia dentro da sala de aula, está atrelado aos diversos materiais e métodos utilizados para que isso aconteça. Como foi feito referência anteriormente, o ensino era e ainda é, baseado em métodos mnemônicos e descritivos em conjunto com a utilização de materiais que ainda conseguem fortalecer este tipo de ensino, sendo este o uso de livros didáticos muitas das vezes descontextualizados e separados em seus conteúdos, além de avaliações em formato de prova, que favorecem o ato de memorizar os conteúdos, além daquele processo em que o professor torna-se constante nas aulas a discutir com os alunos sem que haja uma interação dinâmica, participativa e fluida no modo de mediar o conteúdo em questão.

Partindo dessas prerrogativas, ainda tem se percebido que atualmente essa maneira “antiga” de se ensinar Geografia tem continuado dentro das salas de aula em todo o Brasil, dando força ao argumento de que tanto nas escolas, como na academia, além de setores responsáveis pela propagação dos conhecimentos geográficos, além da própria Pedagogia, muito tem se discutido, e muito pouco tem se feito na prática.

## **A GEOGRAFIA ESCOLAR CONTEMPORÂNEA, UM MEIO DE SUPERAR OU DE REVIGORAR?**

Como de conhecimento, atualmente tem-se uma persistência dos modos antigos de se mediar o conhecimento da Geografia, sendo eles, o mnemonismo, a descrição, além da apropriação do conhecimento pelos professores de forma expositiva e sem

conexão com as realidades em que coexistimos. Ao adentrarmos em sala de aula, como parte de uma exigência organizada pelo currículo do curso de graduação em licenciatura em Geografia, temos como parte deste, a execução do estágio curricular supervisionado, que tem como principal objetivo, realizar essa interação real entre a teoria apresentada nas disciplinas do curso, e a prática, que se constitui como o que ocorre de fato dentro da sala de aula. É fato que diversas transformações têm ocorrido nos currículos que dão base aos cursos de licenciatura, a exemplo a substituição dos cursos no estilo 3+1 em que os alunos passavam a maior parte do curso tendo contato com disciplinas voltadas para a ciência geográfica, e logo em seguida, passavam todo o restante do curso (1 ano) em contato com disciplinas de cunho pedagógico, como práticas de ensino, metodologias do ensino e o próprio estágio supervisionado. Essa maneira de se cursar a licenciatura é determinante na formação dos professores, estes mais especialistas na ciência geográfica com pouca ou quase nenhuma experiência acerca da maneira de se mediar estes conhecimentos, através dos aportes que a própria Pedagogia oferece para sua formação e definitiva entrada ao mundo educacional, levando em consideração o tempo necessário para que essa formação seja efetivada de fato. Assim, inúmeras ideias têm surgido acerca de se como mediar esse conhecimento, são contribuições que geram e despertam essa inovação dentro das salas de aulas, e que não são recentes, mas que já tem sido consideradas relevantes desde o surgimento da escola, a exemplo, o estudo do meio, que já foi sugerido por Elisée Reclus a alguns séculos atrás. Sobre este, aponta Reclus:

[...] a escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. O que em nossos dias é considerado nas escolas como festas excepcionais, passeios, cavalgadas pelos campos, landas [charnecas] e florestas, nas margens dos rios e nas praias, deveria ser a regra, pois é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior (*apud* ZANARDO, 2010, p.25).

Numa análise espaço-temporal podemos perceber que esse “grito” que Reclus efetuou nesse período, era mais voltado a maneira em que a sociedade era conduzida naquela época, e até a escola, esta voltada em promover o bom comportamento por parte dos jovens, numa sociedade cheia de regras e objetivos claros quanto ao

comportamento social, mas sendo uma contribuição que pode ser considerada atemporal.

Historicamente, as escolas se viram cada vez mais estruturadas para que conduzissem uma aula melhor elaborada e com diversas opções em materiais didáticos, foram avanços na tecnologia, como o surgimento dos projetores, das lousas-interativas, no avanço das mídias dentro da escola, como a utilização de produções cinematográficas, da própria música, além de textos e produções alternativas, aos sempre presentes livros didáticos. Temos então, o que atualmente se configura como ferramentas didáticas para o ensino de Geografia.

No entanto, esses aportes didáticos que estão presentes dentro da escola, não tem sido suficientes ou até inutilizados para que as aulas ocorram de forma diferenciada, em que através das nossas observações nos estágios, percebemos a permanência dos métodos antigos na forma de se ensinar a Geografia, tendo como principal preocupação as conclusões que tiramos (talvez precipitadas) do comportamento dos alunos mediante a estes tipos de aulas.

Então nos perguntamos, precisamos de uma superação do ensino de Geografia? Ou uma renovação? Tendo em vista que tais conceitos estão correlacionados como mudanças que correm ou precisam ocorrer no contexto em que se inserem. O que ocasiona essas permanências? O que de fato ocorre para que o novo não seja utilizado?

Sabemos que para respondermos essas questões, se torna necessário fazer uma análise alicerçada e contextualizada acerca do que acontece nas escolas e na vida dos atores envolvidos no ensino da Geografia, porque só assim teremos respostas claras, e quem sabe, conclusões que definiram os novos rumos a serem trilhados por essa nova Geografia escolar, que não se fecha por completo, mas que está disposta a sempre se adaptar as mudanças que possam ocorrer em sua estrutura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para compreender toda essa dinâmica que envolve as práticas pedagógicas da Geografia, se torna necessário efetuar uma averiguação do que tem acontecido durante o passar dos tempos nessa disciplina escolar. Percebemos que as condições da sociedade

em relação ao tempo-espaço em questão foram determinantes na condução dessa disciplina dentro das salas de aulas.

O principal motivo dos atuais estudos na área da Pedagogia da Geografia é a busca pela superação, renovação, inovação, seja qual for os substantivos que possam ser utilizados para que solicitem a mudança das maneiras de se conduzir essa disciplina dentro das escolas. Sabemos que são inúmeros os impasses, além das condições que ocasionam esses tipos de atitudes por parte dos professores em suas atividades escolares. São as condições trabalhistas, a carga-horária, os problemas de saúde, além de muitas das vezes, a formação destes que acaba sendo descontinuada, partindo do pressuposto de que, o ser professor, requer atualização e constantes reciclagens da sua carreira discente.

Com as novas propostas que tem surgido no meio acadêmico, além de termos uma comunidade escolar cada vez mais posicionada acerca do que é a escola, teremos uma nova geração de professores apta a exercer suas atividades escolares com os alunos de forma diversificada e com meios inovadores, que levarão a formação de indivíduos mais posicionados e críticos em sua forma de processar os conhecimentos construídos dentro da escola.

Com os investimentos que vem sendo efetuados no mundo educacional, principalmente de ordem pública, tanto nas escolas, como nos cursos superiores, teremos também professores cidadãos mais posicionados acerca do que eles querem ao ensinar a Geografia, ciência que requer uma apropriação e análise do que o mundo oferece em suas produções e reproduções, óbvio, efetuada cada vez mais constantes pelos seres humanos.

Então, basta que haja uma junção de todas as pesquisas e contribuições efetuadas para esta renovação, para que, com o passar do tempo, essas novas maneiras se tornem constantes em todas as escolas, demonstrando principalmente, que elas não passam apenas de contribuições, mas que alteram profundamente na construção do conhecimento na vida dos alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. A. M., Dois Momentos na História da Geografia Escolar: A Geografia Clássica e as Contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, 2011. p. 19 – 51. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/29/29> Acesso em: abr. 2016.

GONÇALVES, M. R. A geografia escolar como campo de investigação: História da disciplina e cultura escolar. Revista **Bibliográfica De Geografia Y Ciencias Sociales**. Barcelona, Vol. XVI nº 905, 15 de enero de 2011. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-905.htm> Acesso em: abr. 2016.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1839 – 1942)**. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: PUC, 1996.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2008.

ZANARDO, F. Práticas Pedagógicas Libertárias e a proposta de trabalho de campo na Geografia de Élisé e Reclus. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, 2013. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/107> Acesso em: abr. 2016.